

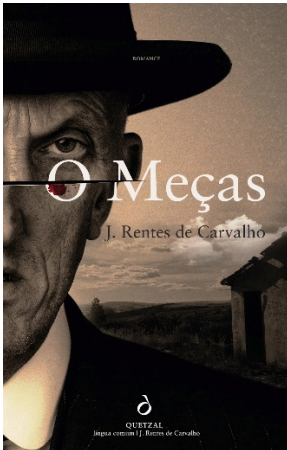


DUAS DE LETRA  
GRUPO DE LEITORES FPIE

JUNHO 2016

GUIA DE LEITURA

O MEÇAS – RENTES DE CARVALHO



**Biografia:** De ascendência transmontana J. Rentes de Carvalho nasceu em 1930, em Vila Nova de Gaia, onde viveu até 1945. Frequentou no Porto o Liceu Alexandre Herculano, e mais tarde os de Viana do Castelo e de Vila Real, tendo cursado Românicas e Direito em Lisboa, onde cumpriu o serviço militar. Obrigado a abandonar o país por motivos políticos, viveu no Rio de Janeiro, São Paulo, Nova Iorque e Paris, trabalhando para jornais como *O Estado de São Paulo*, *O Globo* ou a revista *O Cruzeiro*. Em 1956 passou a viver em Amesterdão, na Holanda, como assessor do adido comercial da Embaixada do Brasil. Licenciou-se (com uma tese sobre Raúl Brandão) na Universidade de Amesterdão, onde

foi docente de Literatura Portuguesa entre 1964 e 1988. Dedicou-se desde então à escrita e a uma vasta colaboração em jornais portugueses, brasileiros, belgas e holandeses, além de várias revistas literárias. A sua bibliografia inclui romances, contos, um diário, uma crónica e guias de viagem. Este *O Meças* é o seu mais recente título, editado em Março de 2016.

**Sinopse de *O Meças*:** uma história de violência, em que a progressiva definição dos contornos da memória trará novas e dolorosas verdades. Romance inédito, nele se conta a história de António Roque, homem atormentado, possesso do demónio de funestas memórias. As imagens do passado que regularmente se apoderam dele transformam-no num monstro capaz dos piores atos. No entanto, a obscura história da irmã e do homem abastado que se servia dela - e que, apesar de morto, continua a instigar-lhe um ódio devastador - não é exatamente como ele pensa que se lembra. Depois de anos emigrado na Alemanha, o Meças regressa à sua aldeia de origem. Com ele vivem o filho (a quem detesta) e a nora (a quem deseja, mas inferniza a vida), atemorizando, de resto, todos os que com ele se cruzam. Uma história de violência, em que a progressiva definição dos contornos da memória revelará novas e dolorosas verdades.

#### **Breve mensagem do autor aos leitores:**

*Que tenham escolhido *O Meças* foi para mim uma alegre surpresa, mas creio também que, além do desenrolar de peripécias, o romance poderá ter algum interesse como case study para futuros psicólogos, dado que o personagem principal concentra em si um amontoado de razões e traumas que tornam o seu comportamento em aparência previsível, mas não o justificam por inteiro. Há por detrás dele, ou envolvendo-o, um ambiente de pobreza ancestral, ignorância, atraso, primitivismo, que o que há de modernidade em Trás-os-Montes aparentemente esconde, mas real na determinação do comportamento dos indivíduos e da sociedade rural que, por estranho que pareça, ainda guarda muito de um atavismo que remonta ao século XIX.*

*Espero que a leitura lhes seja de algum proveito, e se porventura tiverem perguntas, não hesitem em fazê-las,*

*Cordialmente,*

*J. Rentes de Carvalho*

**Perguntas e respostas a Rentes de Carvalho (feitas via email pelo grupo, e respondidas pelo autor):**

*Onde vai buscar inspiração para construir um personagem como o Meças: rude, pouco sociável, contraditório?*

Creio que não falaria de inspiração, antes de observação. O personagem do Meças ganhou vida durante um período muito longo (neste caso cerca de treze anos), foi sendo inconscientemente composto de retalhos e pontas soltas de acontecimentos, casos, conversas, recordações. Do modo como trabalho tudo isso permanece caótico, e durante um certo tempo não passa à escrita, no máximo tomo notas que nem sempre aproveito, porque sofro de um genuíno medo de escrever, o qual resulta da certeza da insatisfação que sentirei no final. Se fosse possível passaria a vida a reescrever os meus livros, e é essa a razão que deixo passar muito tempo antes de voltar a abri-los.

*De entre os romances que escreveu onde colocaria o Meças, em que lugar, quer dizer, se o Meças está entre os livros que gostou mais de escrever e de que gosta mais?*

Desconheço o "gostar de escrever", porque para mim o escrever é trabalho com uma surpreendente percentagem de insatisfação e impotência. É muito difícil encontrar a palavra certa, o diálogo que tenha naturalidade, o bom ritmo, musicalidade, harmonia. O leitor raro se dá conta da verdade do que John Banville afirmou numa recente entrevista ao *Observador*: "Uma das coisas boas no romance é que é musical, é pictórico e linguístico. Às vezes uma frase dança, pinta uma imagem. Não gosto do romance enquanto forma, é desarrumado e aborrecido. Mas sei que é extraordinariamente rico. Não mudaria o sentido de uma frase para acertar o passo com a música, mas mudaria a música para que acertasse com a frase. A prosa tem que ser tão dura e fria como o mármore sendo, ao mesmo tempo, tão suave como a carne e tão musical quanto a voz."

*Como reagiu à crítica de António Guerreiro no jornal Público a este seu livro? Pensa que ele foi justo e imparcial?*

Primeiro franzindo o sobrolho, depois com estranheza, e por fim remetendo-o para a companhia dos críticos portugueses que a propósito do meu romance *O Rebate* (1971) gargalharam que eu nem sequer sabia conjugar verbos (o dito romance é considerado na Holanda uma obra prima, reeditado pela Quetzal em 2012 mereceu grandes louvores); o então célebre e muito respeitado João Gaspar Simões aconselhava-me no DN que deixasse a escrita e me dedicasse a outra coisa; na *Colóquio-Letras* idem. Claro que não deixa de ser curioso o facto de, após mais de cinquenta anos de vida literária e algum nome no meio, só depois da publicação de treze livros em nove anos António

Guerreiro me "descubra" e, em vez de dedicar a sua habitual coluna me "honre" com página e meia. Que o aborreça a minha "híper-literatura", que ria do uso que faço de palavras que ele diz já não se usarem (por certo nos salões que frequenta), que ajoelhe nos altares de Lacan, Derrida, Barthes, Bourdieu e semelhantes, só lhe posso desejar bom proveito. Imparcial não foi, e lá terá as suas razões. Inteligente ainda menos. Sério também não.

*Em entrevista recente ao Expresso afirmou que "limpa" muito os textos, reduzindo-os ao essencial. Nunca deu por si a pensar, a posteriori, que possa ter exagerado na limpeza?*

É possível que sim, que exagere na "limpeza", mas é a minha reacção aos livros "gordos", escritos com as excessivas descrições e os detalhes que eram necessários nos séc. XIX, mas supérfluos depois da descoberta do cinema e do desenvolvimento das artes visuais. O bom leitor hoje dispensa, suponho, que lhe façam a papa e lhe mostrem como engoli-la.

*Há "Meças" na Holanda ou estamos a falar de um espécimen com tal particularidade de atributos que só habita Portugal e/ou Trás-os-Montes?*

Evidentemente que há tipos violentos por toda a parte, mas no meu entender o Meças é muito português, muito transmontano, produto específico do lugar onde nasceu, e das circunstâncias e maneira como foi criado. É provável que também se pudesse situar na Calábria ou na Sicília .

*Poderia falar-nos um pouco mais acerca da "Carla dos Copos"?*

É uma figura trágica, e como ela conheço muitas, que sacrificadas à ambição paterna optam por um curso de que ao fim se dão conta de que é um beco sem saída. A província está cheia desses escritórios de advogadas sem clientela, raparigas que se encontram em simultâneo em várias prisões: a da família, a do meio, a perspectiva de um futuro sombrio, a incapacidade de mudar.

*Que sugestão faria de autores e/ou obras de escritores atuais portugueses, para lermos e debatermos no grupo de leitura?*

Pela originalidade, a boa escrita, e o tema: *As Primeiras Coisas*, de Bruno Vieira Amaral, Prémio Saramago 2015.

### **Recensão a O Meças, por António Guerreiro (Público, 04/05/2016)**

*O romance em estilo híper*

*A escrita romanesca de J. Rentes de Carvalho é um exercício de saturação e exacerbação a que podemos chamar hiperliteratura, como se fosse um pastiche ou uma caricatura.*

*Tudo na escrita de J. Rentes de Carvalho concorre para que deixemos de prestar atenção à história, para ouvirmos em contínuo o tom do enfatuamento.*

Experimentemos ler a primeira frase deste romance, o *incipit*, porque aí começa a encadear-se um sotaque narrativo e literário que não esmorece até à última linha: “Alguém terá de lhe emprestar as palavras, porque as desconhece, mas se lhas tivessem ensinado seria incapaz de dizê-las, estonteado pelo remoinho, a vida a desfilhar em ondas de desespero, ocasiões falhadas, sempre ele o que perde, a sofrer envergonhado, o que baixa os olhos e até de si próprio tem de fugir”. E digo “sotaque”, como se estivesse a escutar uma fala ou uma dicção, porque tudo na escrita de J. Rentes de Carvalho concorre para que deixemos de prestar atenção ao agenciamento narrativo e à história, à qual não faltam apelos de um bruto realismo, para ouvirmos em contínuo o tom da afectação, do enfatuamento, da ênfase. Poucas páginas mais à frente, há uma passagem onde se insiste, com inadequada verbosidade, às insuficiências e aos desvios fraudulentos das palavras: “As palavras deturpam, escondem, diminuem, fracturam. Traduzem mal a réstia de luar que toca a vidraça, o modo como ela se despiu e o espera na cama, retesada, medrosa, no chão os sapatos de cetim branco, o vestido de noiva pendurado na cadeira”. Há neste romance uma crítica da linguagem, como se poderia deduzir desta passagem? Nem pensar nisso. Tudo nele transborda eloquência, ou melhor, loquacidade. Literária loquacidade, como esta que se segue: “Visões do inverosímil, semelhanças de realidade, desassossego, ameaças, chamamentos de tentação, resíduos da memória entrelaçados numa fábula em que se observa, desconhecido de si mesmo”.

Como já se percebeu, *O Meças* é um romance que acumula em grandes doses os mais indiscretos signos que anunciam o literário. Devemos mesmo dizer que é uma manifestação exuberante de hiperliteratura. É plausível que aí resida a razão do sucesso que Rentes de Carvalho alcançou nos últimos anos. Não apenas por isso, ele satisfaz plenamente e de maneira eficaz a tendência conservadora, regressiva e inócua de grande parte da actual ficção narrativa de escritores portugueses. Rentes de Carvalho não foi descoberto tardiamente, como se costuma dizer; foi descoberto quando chegaram os seus contemporâneos, aqueles com os quais, embora muito mais novos no registo civil e nos depósitos da Biblioteca Nacional, não havia discordância de tempos nem de modos. Os seus contemporâneos jamais poderiam ser aqueles que em tempos chegaram a coincidir com ele no tempo de publicação: um Carlos de Oliveira, uma Maria Velho da Costa, uma Agustina, uma Maria Gabriela Llansol.

Mas concentremo-nos nesta última produção da sua já vasta hiperliteratura, um romance que tem o nome de uma personagem transmontana, a quem todos chamam Meças, um homem duro, inflexível e de impulsos violentos. A sua história é feita de ódio familiar, violência sexual, assassínio por vingança e por sentimentos de pundonor (como nos códigos das sociedades antigas). Diríamos estar aqui perante um universo muito camiliano, mas tudo redundando em grotesca caricatura, pelo que não vale a pena invocar Camilo ou Agustina em vão. Resulta em involuntária caricatura uma escrita que reúne todos os atributos daquilo a que chamei hiperliteratura. A saber:

1) O Kitsch. É o triunfo do decorativo, as frases que, digam elas o que disserem, dizem sempre e apenas isto: vejam como é belo, apreciem o que é escrever bem. Escrever

bem, neste sentido, é produzir um discurso muito ornamentado e inócuo; ou então é apontar para a sublimidade de maneira tão frouxa, que o leitor, em vez de sentir exaltação, só vislumbra a insuficiência dos meios, a declinação dos lugares-comuns: “Montes escalavrados, encostas de luz, encostas de sombra, outeiros, um rio a marulhar apertado na estreiteza de fraguedos, mais arbustos do que árvores, casario em longes que a vista mal enxerga. Imutável desde a Criação, daquela paisagem sempre fiz cenário de teatro, dizendo-me que por detrás dos penedos e dos baldios começava o mundo, maneira que tinha de, criança ainda, lhe suportar a ameaça e a formidável imponência”. É a paisagem transmontana que assim é descrita.

2) A exacerbação do estilo. A noção de estilo é muito vaga, tão vaga como nesta definição de Flaubert: “O estilo é por si só uma maneira absoluta de ver as coisas”. Quando se entende o estilo de maneira menos vaga é quando se diz, por exemplo, que o pastiche consiste em imitar o estilo de um autor, de um género, ou de uma “escola”. É muito difícil identificar e caracterizar o estilo de Kafka, mas na escrita de Rentes de Carvalho vemos o estilo em todo o lado. Vêmo-lo como pastiche ou como tiques de linguagem. Um exemplo: o autor nunca diz “com as duas mãos”, nem “com ambas as mãos”, nem sequer “com as mãos ambas”. Diz sempre “às mãos ambas”. Não sei de onde vem esta forma, não sei se é um arcaísmo, não sei se é um idiomatismo do escritor. Mas sei que à terceira vez que a li, pensei: “aqui está uma prova bem visível do estilo, isto é, o estilo como tique de linguagem”. Este tique não é mais espasmódico do que muitos outros que este romance nos proporciona, mas tem a vantagem de ser facilmente citável porque é breve.

3) A frivolidade. Tal como o estilo pretende ser uma maneira absoluta de ver as coisas, mas acaba por ser, na escrita de Rentes de Carvalho, uma maneira de ser cego perante elas, assim a afectação patética (isto é, a manifestação de um pathos) e a expressão enfática revelam uma falsa profundidade e uma parca capacidade de penetração. Nada é tão superficial e tão frívolo como isto: “Porque o destino o quis, há muito deixei de lutar, procurando não a impossível mudança daquele que sou, mas fugindo na invenção de mim mesmo, um pouco à maneira do bicho que para se defender escolhe a aparência que mais seguramente o disfarça. E é por certo para melhor me ocultar que torno mais vivos e detalhados os outros, que levanto o biombo atrás do qual desapareço e os deixo a eles no palco.”

4) A redundância. É a qualidade mais abundante neste romance. Da maneira mais evidente, encontramos-a com frequência nas longas ou breves descrições em que quanto mais são as palavras menos é aquilo que se diz e mais vago é o dizer. Neste item, uma frase merece ser citada. É aquela em que se fala de “um sentimento de excitação e nostálgica melancolia”. Note-se: não é apenas nostalgia, nem apenas melancolia, é uma cruzamento das duas, que nenhuma psicologia das profundezas conseguirá explicar, mas que num romance é a literatura em estado de apoteose.

5) A deflação erótica. Há algumas cenas de cruzeza sexual neste romance, às vezes recuperando uma linguagem obscena já pouco usada. Onde é que hoje ainda se diz que uma mulher “estava na fressura com a amiga”? Mas isso é pouco relevante, quando

temos, algumas páginas mais à frente, esta descrição erótica de baixo preço e alto teor deflacionário: “Erecta, a um passo de mim, tudo no seu jeito manda que espere, me deixe hipnotizar pela beleza, sofra a vertigem do almíscar que a pele exala, descubra o arrebatamento da obediência, aceite que ela me guie (...). Vem para mim, sustentando os seios com um gesto natural, como a ajeitá-los, e enlaça-me, beija-me nos lábios.”

### **Recensão a O Meças, por Carlos Maria Bobone (ObservadorPúblico, 04/05/2016)**

Édipo à portuguesa

*O princípio de "O Meças", de Rentes de Carvalho, pode ser um pouco árido mas Carlos Maria Bobone encontrou também o melhor lado do autor, seguríssimo e acima dos seus contemporâneos.*

*O Meças*, a quem as peça, terá muito por onde se valer. O livro é uma espécie de electrão, cheio de energia comprimida em centena e meia de páginas, vozes entarameladas à moderna, e um viço que só não é inesperado diante do octogenário autor porque este se chama J. Rentes de Carvalho. Este vigor, aliás, contagia a personagem principal, o colérico António, Antolinho, Meças, homem de amiudadas fúrias mal contidas, afamado ferrabrás e sustento contrariado de uma apetitosa nora e de um filho de flácidas carnes e ainda mais flácido brio. É o filho que é gordo – como António Meças faz questão de lho lembrar frequente – mas o pai que enche o miolo do livro: as personagens, o enredo, a discreta filosofia que bica uma ou outra vez o texto, tudo gravita, como já o denuncia o título, em torno do Meças.

E é por isso mesmo, por António Meças ocupar todas as páginas, que um dos mais importantes pontos estilísticos se torna um pouco discutível. **Rentes de Carvalho escreve bem. Tem mestria no uso das palavras, um arcaboijo linguístico escurrito — sem se escusar ao uso da língua — e gere com experimentada facilidade um arsenal admirável de técnicas estilísticas.** Fala uma linguagem popular, não no sentido de comum, mas no sentido etnográfico do termo; castiça, perspicaz na captação das usanças vernáculas e, mais importante, perfeitamente adaptada à personalidade do Meças. Se o Homem é de baixa estirpe, também a linguagem não se inibe de ir tripa abaixo, pelo mais genuíno e latrinário calão; se ao Homem faltam palavras que expurquem os seus fantasmas, também o texto dispensa advérbios, conectores, adjectivos, açodando a narrativa para que ela acompanhe o furacão Meças.

**O problema é que a personalidade do Meças contagia outras vozes do enredo.** O livro está dividido em quatro partes cruzadas: duas escritas na primeira pessoa – a pessoa de um médico – e duas na terceira. Mas dentro do texto relatado na terceira pessoa, o discurso não é homogéneo. Está organizado como se uma câmara estranha entrasse no ponto de vista das personagens e, qual Zelig, lhes tomasse as características. Isto vê-se quando a lente se aproxima da nora – Isaurinha – e a gramática se torna um pouco menos torcida, se esfuma o jargão popular e o epicentro do texto se desvia para as inseguranças da mulher, e não para memórias de emigrado ou acções cruentas. Mas

acontece, também, que a estas personagens diferentes não corresponde uma personalidade narrativa tão díspar. Há esforço, mas não há tanto resultado. Persiste a enumeração, a rápida sequência de acções, que não jogam tão bem com o pachorrento filho – o crónico desempregado Abel – como com o Meças.

Isto porque – nota-se pelo texto – o estilo do Meças é aquele que Rentes de Carvalho tem mais trabalhado: enxuto mas duro, claro mas trabalhado e rural sem deixar de ser moderno. **Quando foge dele, o texto perde força; e, neste caso, foge sem precisar de o fazer.** A narrativa está de tal forma concentrada no Meças que não era necessária a alternância de visões. Uma voz, se for melhor do que as outras, não aborrece; o romance perde mais com a entrada em cena da mais diferente das vozes do que perderia com a perpetuação da mesma ao longo de todo o texto.

Isto porque a entrada em cena da voz do médico, embora tente o escritor pelo desafio de criar um estilo novo, expõe ao mesmo tempo os maiores defeitos e as maiores qualidades de Rentes de Carvalho. Mostra-nos como tem uma narrativa tão adequada à personagem principal, e como a qualidade desce quando entra em cena uma personagem mais reflexiva. **Mostra a dimensão do seu génio descritivo, a sua capacidade de precisar num colorido próprio os contornos da acção** e, ao mesmo tempo, a falta de uma habilidade arcádica, comparativa. Mostra-se muito certo na descrição daquilo que vê, mas não vê nada que nós não vejamos também.

Não que precisasse deste segundo lado, note-se. Rentes de Carvalho, no seu melhor, é bastante bom. Mas é precisamente por não precisar dele que talvez não o devesse usar, porque corre com isso o risco de diminuir o carácter das suas personagens. Não haveria problema se o filho e a respectiva mulher se confundissem no mal-humorado estilo do Meças; mas talvez haja problema em que o estilo deles se confunda com o do Meças; não haveria problema em cortar o pio ao médico; talvez haja problema em dotá-lo de uma voz a que se retiraram os timbres mais interessantes do estilo de Rentes, sem lhe acrescentar nada para troca.

O Meças, como veremos, é uma personagem riquíssima. As outras, como secundárias que são, não precisavam de tanto relevo: o livro já tem de sobra o toque contemporâneo que o contraponto coral imprime. **O Meças, de si, tem quanto baste, tanto que os outros, como ele próprio reconhece, vivem à sua custa.** Filho e nora, que na sua filial condição não escapam à misantropia activa do Meças, vivem a expensas dele. O filho, perpétuo trabalhador em potência, é vítima do mais profundo desprezo. A nora, encastada na casa contra vontade, vítima do mais confuso desejo. Meças maltrata um e outra, tanto o que despreza quanto a que deseja, insulta, bate, viola, e só não os mata porque já matou outro, que lhe abusava da irmã.

Este sucesso – a sua vocação assassina confirmada em idade quase púbere – é-nos revelado em recordações que se imiscuem na acção e ajudam a compreender Meças como um traumatizado. **Havia um engenheiro que abusava da sua irmã e António Meças, menos por protecção fraterna do que por uma inconfessável paixão, mata o tal engenheiro.** Isto, que nos é revelado a meio do livro, desencadeia um dos mais



interessantes e virtuosos recursos narrativos da história. É que a primeira parte passa-se na expectativa de uma revelação; mas quando esta acontece e ficamos a saber do crime, Rentes de Carvalho deixa de lado uma ponta solta que desembocará numa reviravolta narrativa. Rentes consegue, com um segredo monumental revelado – que poderia arrefecer o interesse do leitor – manter a expectativa e, depois, cumpri-la.

A revelação de meio do livro ajuda a perceber o comportamento desviado do herói; a incapacidade de amar o filho, a brutalidade de querer a nora mas querer nela a irmã, a confusão afectiva que o leva a querer que o filho saiba que lhe dormiu com a mulher. Este desvio, no entanto, é explicado por causa de um desvio primordial: o amor pela irmã. O que acontece é que o fim consegue explicar este comportamento.

António Meças, como já dissemos, é uma personagem rica. Mas além de rica, é uma personagem majestática. Não pelos laivos autoritários, nem por inexistente fidalguia, mas pelo seu comportamento real. **Como D. Manuel, rei, Meças rouba a mulher ao filho**; como Édipo, rei também, mata o pai e ama a mãe, sem saber que são pai e mãe.

É isto que o famoso médico nos vem revelar. Revela-nos que é filho do engenheiro a quem Meças abriu a garganta e que, sabe-o pela legítima, Meças não é irmão mas sim filho da jovem a quem o engenheiro dedicava uns apartes no seu casamento. À fúria contra o engenheiro chamava-o o sangue, protestando por ver a incógnita mãe sujeita àquele ritual tão bárbaro. **O difícil temperamento de Meças vem, assim, do mais clássico dos traumas psicanalíticos**, urdido à boa maneira trágica: por um conjunto de acasos que, não importa o quanto espolinha, fazem do herói um joguete nas mãos do destino.

Rentes de Carvalho foge à tentação de analisar aquele que já é um mais que estafado problema, e deixou-nos só com a força narrativa do episódio. Mas foge, também, à força da sua própria personagem. É que o médico conta-nos a nós, leitores, o pequeno tição na genealogia do herói; não o conta ao Meças. Ora, seria interessante ver como esta personagem, que explode com tanta facilidade diante dos pequenos problemas, reagiria perante uma contrariedade do tamanho do seu mau feito. **Quando a personagem podia atingir toda a sua potência, Rentes de Carvalho suspende-a, o que é pena.**

Trata-se, em resumo, de um livro interessante, que poderia ser mais desenvolvido. Embora a história do meio-irmão, por exemplo, seja um pouco preguiçosa, poderia ser mais desenvolvido sobretudo pelo mérito do autor em criar uma personagem com grandeza para mais. É um livro forte, com preocupações estilísticas, embora não propriamente elegante: tem a estranheza de uma alfaia funcional e exótica. Nota-se, uma ou outra vez, que está a forçar estilo (como é que, no espaço de uma vida, se vende algo a uns literários trinta mil réis e se fala do euromilhões?) e a sintaxe, embora a confusão mental do Meças a desculpe, por vezes não é muito prática. **O princípio, feito de retalhos e memórias, é um pouco árido mas, chegada a naturalidade do discurso e da história, Rentes de Carvalho mostra o seu melhor lado**: o de um escritor seguríssimo que, aproveitando o seu insulamento geográfico em Amesterdão, não está apenas a Norte, mas também acima da maior parte dos seus contemporâneos.